

## O CONTEXTO SOCIAL E A BAGAGEM CULTURAL DOS ALUNOS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Cícera de Oliveira Farias<sup>1</sup>  
Janaina Palmeira Paiva da Silva<sup>2</sup>  
Maria Isadora de Farias Duarte<sup>3</sup>  
Elizabeth Carlos do Vale<sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

A atribuição predominante dada à escola na primeira metade do século XX era a de que a mesma tinha como papel central a construção de uma nova sociedade, justa, moderna, aberta e democrática, através da garantia do acesso à educação. No Brasil, há algumas décadas o acesso à educação escolarizada vem se expandindo fazendo com que a primeira etapa do ensino fundamental tenha sido praticamente universalizada. A democratização do acesso à educação configura-se como um importante avanço, visto que o direito a educação é um dos instrumentos que pode garantir a promoção da igualdade de oportunidades e assim diminuir os graves problemas resultantes da desigualdade social brasileira.

Conforme garante a Constituição Federal do Brasil em seu Art. 205. “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida com a colaboração da sociedade, visando ao pleno da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 2010 p. 42). Tal compreensão é ratificada pela Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional – LDBEN (Lei 93994/96) que assegura que todos os cidadãos, independente da idade, sexo, raça, etc, tem direito a “igualdade de condições ao acesso e permanência na escola” (Constituição, art.206, I e LDB, art. 3º). Entretanto, as garantias ao direito à educação, asseguradas pelas legislações não significam necessariamente, que tal direito seja assegurado na íntegra, ou seja, o direito de aprender efetivamente, pois a expansão da oferta de vagas nas escolas como consequência da democratização da educação, não significa necessariamente, qualidade no ensino.

Assim, a escola até bem pouco tempo era preparada para receber sujeitos que apresentavam de certa forma, um processo de aprendizagem mais homogêneo e significativo,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de PEDAGOGIA da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [cysafarias12@gmail.com](mailto:cysafarias12@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de PEDAGOGIA da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [palmeirajanaina@gmail.com](mailto:palmeirajanaina@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de PEDAGOGIA da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [duarteisadora07@gmail.com](mailto:duarteisadora07@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ; Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba - PB, [elisabete.vale1@gmail.com](mailto:elisabete.vale1@gmail.com).

pois, tinham um capital cultural mais amplo e muito mais próximo do que a escola trabalha, visto que tais sujeitos eram oriundos das classes sociais mais abastadas. Com o processo de democratização da escola, a mesma passou a receber uma diversidade de sujeitos cuja bagagem cultural, além de ser extremamente diversificada é bastante distante do que a escola define como padrão. Ou seja, a escola não se readequou para receber esses novos sujeitos, permanecendo praticamente, com os mesmos modelos pedagógicos tratando de forma massificada e homogênea, sujeitos diferentes em seus diversos aspectos. Assim, na prática, a escola não leva em conta os conhecimentos e bagagem cultural de alunos das classes populares. Em artigo sobre a importância do capital cultural, publicado no blog “Café com Sociologia”, tendo como base os estudos de Bourdieu, Bodart e Silva (2010) afirmam:

Foi, entretanto, no contexto da democratização do acesso à escola fundamental e do prolongamento da escolaridade obrigatória que se tornou evidente o problema das desigualdades de escolarização entre os grupos sociais. O otimismo marcante do período anterior foi substituído por uma postura de cunho mais pessimista, embasada na influência da origem social nos resultados escolares, ou seja, a forte relação existente entre desempenho escolar e origem social (classe, etnia, sexo, local de moradia, entre outros).

O sociólogo francês Pierre Bourdieu levanta muitos esclarecimentos em relação ao fracasso escolar, ao tratar da relevância que a escola atribui ao capital cultural dominante e, assim, transformando as desigualdades sociais em diferenças escolares. Estudantes oriundos das classes populares sentem maiores dificuldades de se adequar e acompanhar o processo de aprendizagem escolar porque este no geral não dialoga com seus conhecimentos, com a sua realidade. Tais fatores explicam em parte, algumas das razões do sucesso e/ou insucesso escolar dos estudantes das classes populares. A partir da nossa inserção desde o último semestre de 2018 na EMEF João Ferraz localizada numa comunidade rural bastante povoada da cidade de Queimadas/PB, propiciada pelo Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid - observamos mesmo que empiricamente que a realidade social em que estão inseridas as crianças dessa escola tem uma implicação direta com o processo de aprendizagem das mesmas. Neste sentido, objetivamos no presente trabalho, refletir sobre a influência do contexto social do entorno da escola para o sucesso e/ou fracasso escolar.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho tem como referência à nossa inserção na EMEF João Ferraz, município de Queimadas/PB, através do Pibid/Subprojeto de Pedagogia. O conhecimento do cotidiano da escola e seus sujeitos, bem como, o contexto social da escola, situada às margens da BR 104 entre as cidades de Queimadas e Campina Grande/PB, aliado ao conhecimento sobre alguns problemas de ordem didático-pedagógica enfrentados no dia-a-dia da escola nos motivou a buscar refletir sobre a influência do contexto social do entorno da escola para o sucesso e/ou fracasso escolar.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A inserção no cotidiano da EMEF João Ferraz a partir de outubro de 2018 nos permite fazer algumas inferências sobre as influências que o contexto social e o capital cultural trazido pelos alunos têm sobre o sucesso e/ou fracasso escolar. Pudemos constatar que a grande maioria dos alunos da referida escola é oriunda de famílias de baixa renda que dependem do programa de transferência do governo federal, “Bolsa Família”. Embora haja assiduidade das crianças na escola, a participação/interação da família com a escola é muito pouca. No nosso entender, os valores e conhecimentos presentes no ambiente social e familiar das crianças e, transmitidos às mesmas, de certa forma, influenciam no processo de aprendizagem dos alunos, a partir de aspectos, como: compreensão dos conteúdos escolares trabalhados pelo professor, comportamento afetivo e/ou indisciplina, saber lidar com alguns sentimentos como: baixo/auto estima, agressividade, medo, frustrações, perdas, etc. Muitas das crianças com as quais lidamos no dia-a-dia da escola, por exemplo, já chegam à escola com uma baixa estima muito grande, principalmente no que se refere às suas capacidades e potencialidades de aprendizagem.

No que se refere ao desenvolvimento cognitivo das crianças, o contexto familiar também tem um papel fundamental neste aspecto, pois é no seio familiar que muitas aprendizagens e habilidades das crianças começam a ser desenvolvidas. Quando o contexto social é pouco motivador de aprendizagem, a escola termina sendo o único espaço onde as crianças vivenciam possibilidades de aprendizagem de conhecimentos sistematizados, como a aprendizagem da leitura, escrita e cálculos matemáticos. Sobre esse aspecto, nos reportamos a Bodart e Silva (2010) que a partir dos estudos de Bourdieu, afirmam que:

Para Bourdieu, é a família que realiza os investimentos educativos que transmitem para a criança um determinado quantum de capital cultural durante seu processo de socialização, que inclui saberes, valores, práticas, expectativas quanto ao futuro profissional e a atitude da família em relação à

escola. Bourdieu observa também que o grau de investimento na carreira escolar está vinculado ao retorno provável que se pode obter com o título escolar, não apenas no mercado de trabalho, mas também nos diferentes mercados simbólicos, como o matrimonial, por exemplo. (digitalizado).

Assim, compreendendo que as questões socioculturais tem um potencial influenciador muito grande para os processos de aprendizagem, mas não determinante, a partir da identificação das principais dificuldades de aprendizagem e particularidades de cada aluno, passamos a atuar adotando estratégias metodológicas de atendimento individualizado aos alunos que apresentavam maiores dificuldades, especialmente na leitura, de modo a tentar equalizar a aprendizagem dessas crianças com a aprendizagem da turma. Durante esse ano letivo realizamos diversas dinâmicas que envolviam o ensino da leitura e da escrita, mas também, atividades de socialização e interação entre as crianças e suas formas de perceber a escola como lugar de aprendizagem. Numa das dinâmicas trabalhadas sobre a escola, onde as crianças ficaram livres pra se expressar sobre como viam a escola, algumas falas foram reveladoras de como muitas crianças esperam pouco da escola. Uma menina que apresenta baixo nível de aprendizagem de leitura e tem um comportamento bastante introspectivo afirmou, por exemplo, que frequenta a escola para não perder o benefício do Programa Bolsa Família - PBF, “só venho pra escola porque minha mãe diz que não posso faltar porque se não vamos perder o bolsa família”. De fato, o PBF condiciona aos filhos dos beneficiários um índice de frequência escolar em 85% para estudantes de 6 a 15 anos, o acompanhamento da frequência escolar, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário – MDSA de 2016, no nordeste (região maior índice de desigualdade social), 97,19% dos estudantes cumpriu essa condição. Entretanto, conforme afirma Nadú (2018):

Apesar de o PBF contribuir para elevar os anos de estudo entre crianças e nossos jovens pobres, esse resultado não é decorrente de uma melhora nos indicadores de performance escolar. Nossas crianças e jovens da escola pública continuam com dificuldades crônicas em português, ciências e matemática (NADÚ, 2018 – digitalizado).

Outro aspecto que constatamos é o fato de que os alunos que apresentam melhor desempenho escolar, mesmo tendo as mesmas condições socioeconômicas, são exatamente os que recebem maiores incentivos familiares e participação mais ativa dos pais na escola. Tais aspectos exigem que o professor desenvolva um trabalho de acompanhamento pedagógico mais individualizado e sistemático dos alunos que apresentam maiores dificuldades de aprendizagem, o que na prática é um grande desafio, pois, no geral as séries do ensino

fundamental além de numerosas, contam com alunos com desempenho de aprendizagem bastante variados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os alunos não têm, evidentemente, o mesmo ritmo de aprendizagem e não conseguem competir de forma igualitária na escola, pois trazem em si uma bagagem social e cultural diferenciadas uns dos outros. Nesse sentido, a escola não pode atuar de forma imparcial, mas sim com equidade reconhecendo que cada educando possui uma vivência diferente e que essas questões são essenciais para o processo de aprender no âmbito escolar. Atestando, portanto, que a desigualdade de renda, de capital cultural, social e a relação família-escola são fatores que desencadeiam reflexos significantes no espaço da escola. Vale salientar que o professor consciente e conhecedor das questões pertinentes à formação de seus educandos busca sempre trabalhar o desenvolvimento dos mesmos levando em consideração as particularidades de cada um e assim buscando usar estratégias pedagógicas que venham contribuir para o desenvolvimento pleno do educando. A experiência de iniciação à docência vivenciada até então, tem nos ajudado a compreender que o cotidiano escolar é formado por uma diversidade de sujeitos que trazem uma bagagem cultural diferenciada e diversa, e que é fundamental que a escola e o professor compreendam essa diversidade e trabalhe a partir desses aspectos socioculturais, pois, o não reconhecimento dessa diversidade pode ser um fator determinante na produção do fracasso escolar.

**Palavras-chave:** Contexto social; Capital cultural; Sucesso/fracasso escolar.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Mario Luiz Neves de. Espaço social, campo social, hábitos e o conceito de classe social em Pierre Bourdieu. In: **Revista Espaço Acadêmico**, nº 24. Maringá/PR: Universidade Estadual de Maringá, maio 2003.
- BODART, Cristiano. SILVA, Roniel Sampaio. A importância do capital cultural: contribuições de Pierre Bourdieu. In: **Blog Café com Sociologia**, 2010. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/importancia-do-capital-cultural>
- BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PIES, Neri. Processo educacional em Pierre Bourdieu. In: **Revista Espaço Acadêmico**, nº 134. Maringá/PR: Universidade Estadual de Maringá, jul. 2012.
- NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: Limites e contribuições**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/>
- HAY, Ana Paula; CATANI, Afrânio Mendes. **Bourdieu e a Educação**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/bourdieu-e-a-educacao>
- FERRARI, Márcio. Pierre Bourdieu, **o investigador da desigualdade**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1826/pierre-bourdieu-o-investigador-da-desigualdade>



NADÚ, Armanda do Carmo Amorim. O Programa Bolsa Família e seus efeitos na educação. In:  
**Pensar a educação em pauta.** Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br>  
VOSS, Rita de Cassia Ribeiro. **Desigualdade e educação no pensamento de Pierre Bourdieu.** Disponível em: <http://www.fronterasdaeducacao.org/index.php/fronteras/article/view/4>